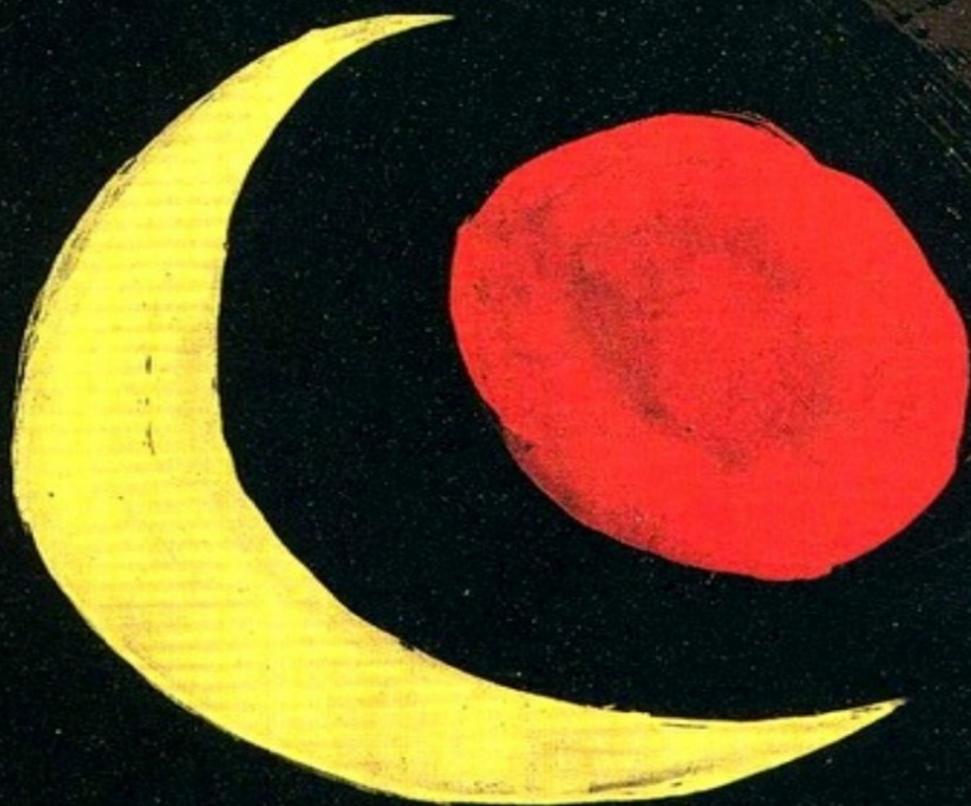
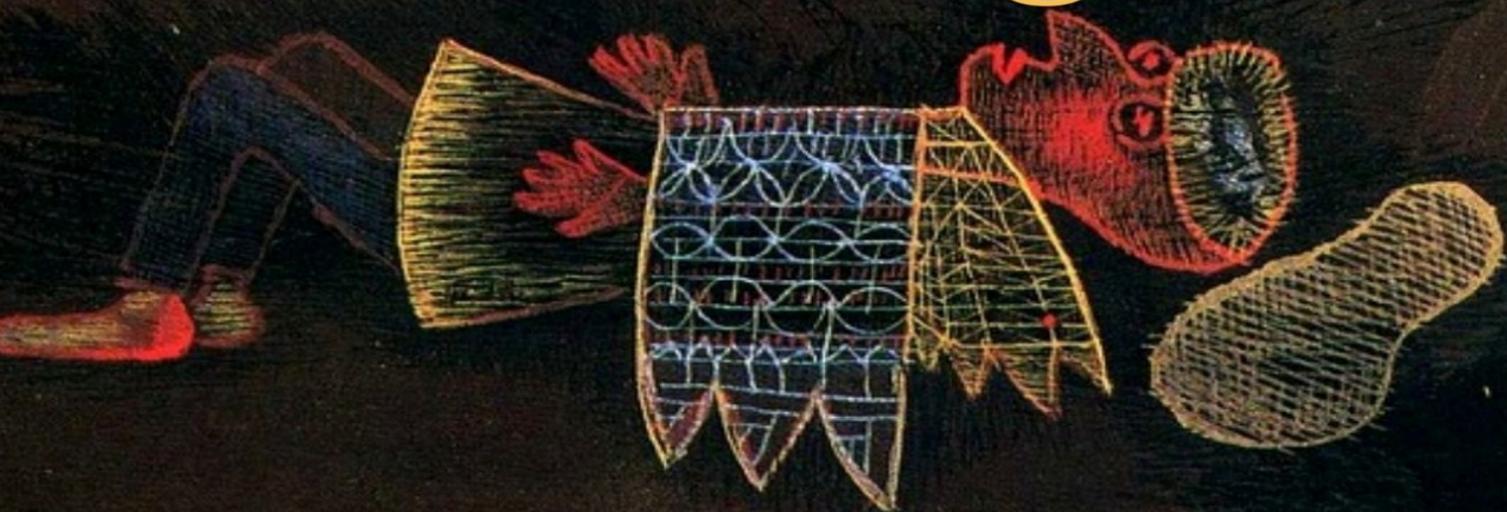


Fiódor Dostoiévski



Crime e  
Castigo



## **Sumário**

### **CRIME E CASTIGO**

#### **Primeira Parte**

##### **Capítulo 1**

##### **Capítulo 2**

##### **Capítulo 3**

##### **Capítulo 4**

##### **Capítulo 5**

##### **Capítulo 6**

##### **Capítulo 7**

#### **Segunda Parte**

##### **Capítulo 1**

##### **Capítulo 2**

##### **Capítulo 3**

##### **Capítulo 4**

##### **Capítulo 5**

##### **Capítulo 6**

##### **Capítulo 7**

#### **Terceira Parte**

##### **Capítulo 1**

##### **Capítulo 2**

##### **Capítulo 3**

##### **Capítulo 4**

##### **Capítulo 5**

##### **Capítulo 6**

## **Quarta Parte**

### **Capítulo 1**

### **Capítulo 2**

### **Capítulo 3**

### **Capítulo 4**

### **Capítulo 5**

### **Capítulo 6**

## **Quinta Parte**

### **Capítulo 1**

### **Capítulo 2**

### **Capítulo 3**

### **Capítulo 4**

### **Capítulo 5**

## **Sexta Parte**

### **Capítulo 1**

### **Capítulo 2**

### **Capítulo 3**

### **Capítulo 4**

### **Capítulo 5**

### **Capítulo 6**

### **Capítulo 7**

## **Epílogo**

**1**

**2**

**Fiódor Dostoiévski**

**CRIME E CASTIGO**

# **Primeira Parte**

# Capítulo 1

Numa magnífica noite de julho, excessivamente quente, um rapaz saiu do quarto que ocupava nas águas-furtadas de um grande prédio de cinco andares, situado no bairro S..., e, com passos lentos e um ar irresoluto, tomou o caminho da ponte de K...

Teve a boa sorte de não encontrar na escada a senhoria, que habitava o andar inferior. A cozinha, cuja porta estava quase sempre aberta, dava para a escada. Quando saía, tentava subtrair-se aos olhares da hospedeira, o que o fazia experimentar a forte sensação de quem se evade. Devia-lhe uma soma importante e por isso receava encontrá-la.

Nunca a pobre mulher o havia ameaçado ou ultrajado; pelo contrário. Porém havia algum tempo que ele se achava num estado de excitação nervosa, vizinho da hipocondria. Isolando-se e concentrando-se, chegara ao ponto de não só evitar encontrar-se com a hospedeira, mas até mesmo a deixar de manter relações com os seus semelhantes. Noutros tempos a pobreza parecia esmagá-lo; todavia, nestes últimos dias, chegara a ser-lhe insensível. Renunciara em absoluto às suas ocupações. De resto, pouco lhe importava a hospedeira e as disposições que ela

pudesse adotar contra ele. Ser surpreendido na escada, ouvir reclamações, suportar recriminações, aliás pouco prováveis, ter de responder com evasivas, ou antes, desculpas de mau pagador, mentiras... — isso não! O melhor era esgueirar-se sem ser visto, deslizar como um gato medroso.

Desta vez, porém, quando chegou à rua, pareceu-lhe estranho o receio que tivera de encontrar a credora.

«É inacreditável que, quando tenho em mente um projeto tão arriscado, me preocupe com tais ninharias», pensou ele com um sorriso singular. «Sim! o homem tem tudo entre as mãos e se tudo deixa escapar, é porque tem medo... É axiomático! Não se me dava saber de que é que temos mais medo. Estou em acreditar que aquilo que mais receamos é o que nos faz sair dos nossos hábitos. Todavia, com tanto divagar, é que nada faço. É verdade que poderia alegar esta outra razão: porque nada faço é que divago tanto. Há um mês que me habituei a falar só, encolhido a um canto durante dias inteiros, preocupado com disparates. Vejamos no que me vou meter! Serei capaz *disto*? Será *isto* sério? Não, *isto* não é sério. São ninharias que preocupam o meu espírito, ou antes, simples fantasias.»

O calor era asfixiante. A multidão, a vista dos montes de cal, dos tijolos, da andaimaria, e esse mau cheiro especial, tão conhecido do habitante de S. Petersburgo que não pode alugar uma casa de campo no verão, tudo contribuía para irritar mais e mais os nervos já excitados do rapaz. O cheiro pestilencial das tabernas, muito frequentes

nesta parte da cidade, e os bêbados que a cada momento se encontravam, conquanto fosse um dia de trabalho, completavam o quadro, dando-lhe um horrível colorido. As delicadas feições do mancebo refletiram, por momentos, uma impressão de profunda náusea. A propósito deve-se dizer que não era fisicamente destituído: de estatura mais que regular, franzino, elegante, tinha uns bonitos olhos escuros e uns cabelos castanhos. Pouco a pouco foi caindo numa melancolia profunda, numa espécie de torpor intelectual. Caminhava alheio a tudo, ou melhor dizendo, sem querer atender a coisa alguma. De longe em longe, apenas, murmurava consigo umas ligeiras palavras, porque, como ele próprio reconhecia, havia algum tempo que tinha a mania de falar só. Neste momento notava que por vezes as ideias se lhe confundiam e era grande o seu estado de fraqueza: havia dois dias, quase se podia dizer, que não comia.

Qualquer outro se envergonharia de exhibir em pleno dia semelhantes andrajos, tão mal vestido estava. No entanto, o bairro permitia qualquer vestuário. Nos arredores do Mercado do Feno, nas ruas de S. Petersburgo onde vive o operariado, o vestuário mais singular não causa a menor surpresa. Porém acumulava-se na alma do infeliz rapaz um tal desprezo por tudo que, apesar do seu pudor por vezes muitíssimo ingénuo, não se envergonhava de passear pelas ruas os seus farrapos.

O caso seria diferente se encontrasse pessoas conhecidas, ou alguns dos seus antigos companheiros cuja

aproximação em geral evitava. De repente parou, vendo-se alvo da atenção dos transeuntes por estas palavras pronunciadas em voz irónica: «Vejam, um chapeleiro alemão!» Eram proferidas por um bêbado que era levado, não se sabe para onde, nem para quê, numa carroça.

Com um gesto nervoso tirou o chapéu e pôs-se a mirá-lo. Era um feltro de copa alta, comprado na casa de Zimmerman, muitíssimo usado, de cor esverdeada, quase sem abas, e com inúmeras nódoas e buracos. Era um chapéu deveras miserável. No entanto, longe de se sentir ofendido no seu brio, o possuidor de tão estranho objeto sentia-se mais inquieto do que humilhado.

«Isto é realmente o pior!», murmurou ele. «Esta miséria! E qualquer coisa pode deitar a perder o negócio. De facto este chapéu dá muito na vista, está mesmo um horror! Ninguém traz uma coisa destas na cabeça... E então este, que se torna reparado a quilómetros de distância! Lembrar-se-ão, recordar-se-ão dele... pode ser um indício... É indispensável que desperte o menos possível a atenção. As coisas mais insignificantes têm às vezes grande importância e é regra geral por elas que a gente se perde...»

Não ia para muito longe. Conhecia muito bem a distância entre a sua morada e o local para onde se dirigia: setecentos e trinta passos, nem mais, nem menos um. Contara-os quando o projeto tinha ainda no seu espírito a forma vaga de um sonho. Nessa época nunca supusera que tal ideia viesse a tomar corpo e a fixar-se. Limitara-se a acariciar no seu íntimo uma utopia duplamente pavorosa e

irresistível. Todavia, passado um mês, começara a ver as coisas sob outro aspeto. Conquanto nos seus solilóquios se lamentasse da sua pouca energia e irresolução, tinha-se, no entanto, habituado a pouco e pouco, mau grado seu, a julgar possível a realização dessa sonhada quimera, a despeito de não confiar ainda muito em si. Ia agora precisamente repetir o ensaio do seu projeto e, a cada passo que dava, sentia-se mais e mais dominado por uma forte agitação.

Com o coração oprimido e os membros muito agitados por um tremor nervoso, aproximou-se de um enorme casarão, que olhava de um lado para o canal e do outro para a rua... Esta grande casa era dividida em inúmeros compartimentos, habitados por criaturas de todas as categorias: alfaiates, serralheiros, engenheiros alemães de várias espécies, mulheres de vida fácil, pequenos empregados... Uma grande multidão entrava e saía pelas duas portas. Três ou quatro porteiros faziam o serviço. Com grande satisfação não encontrou nenhum deles. Transposto o limiar, galgou a escada da direita, que conhecia bem, bastante estreita e de uma obscuridade que não deixava de lhe agradar. Ali não havia a recear olhares indiscretos.

«Se tenho agora tanto medo, o que será quando for a valer», pensou ele, ao chegar ao quarto andar. Aí teve que parar. Alguns carregadores faziam a mudança da mobília de uma das divisões ocupadas — e o nosso homem sabia-o — por um alemão e sua família. «Com a partida deste, a velha fica sendo a única moradora do andar. Vim em boa

ocasião». E puxou o cordão da campainha, que soou gravemente, como se fosse de cobre. Nestas casas as campainhas são em geral de lata.

Este pormenor esquecera-lhe. O som especial da campainha lembrou-lhe o que quer que fosse, porque teve um estremecimento: sentia os nervos numa grande lassidão. Um momento depois entreabriram a porta e pela estreita fenda a dona da casa examinou o recém-chegado com visível desconfiança; apenas se lhe percebiam, na escuridão, os olhos brilhando como pontos luminosos. Porém vendo os carregadores sentia ânimo e abria a porta de par em par. O rapaz entrou para uma saleta escura, dividida por um tabique, que a separava de uma pequena cozinha. Diante dele, de pé, a velha interrogava-o com o olhar. Tinha sessenta anos, era baixa e magra, nariz recurvo e olhar malicioso. Na cabeça descoberta viam-se-lhe os cabelos desmanchados e untados de azeite.

Trazia em volta do magro e esguio pescoço, que lembrava uma perna de galinha, um farrapo de lã. Apesar do calor, pendia-lhe dos ombros uma capa de peles, coçada e amarela. Tossia quase sem cessar. O rapaz olhou-a, talvez de modo singular, porque os seus olhos retomaram a expressão de desconfiança.

— Raskólnikov, estudante. Já aqui vim uma vez, há um mês — apressou-se a informar o visitante, com uma mesura, pensando que era conveniente mostrar-se amável.

— Recordo-me, menino, recordo-me muito bem— respondeu a velha, sem tirar do rapaz os olhos

desconfiados.

— Tanto melhor... Venho aqui também hoje para um negócio do mesmo gênero, — continuou Raskólnikov, perturbado e surpreendido pela desconfiança que inspirava.

«Talvez isto seja feitio dela», pensou o estudante, «mas da outra vez não me pareceu desconfiada». A velha manteve-se calada por algum tempo. Parecia refletir... Em seguida indicou a porta do quarto e afastou-se para dar passagem a Raskólnikov.

— Entre, menino.

O compartimento para onde entrou era forrado de papel amarelo; pelas janelas, com cortinas de cassa e tendo no peitoril vasos de gerânios, entrava a luz do sol, quase no ocaso, iluminando mal o aposento. «Da outra vez o sol também brilhava assim!», pensou o estudante, passando uma rápida inspeção em volta de si, como se quisesse inventariar os objetos que o cercavam e retê-los na memória.

Nada havia contudo ali de particular. A mobília, de uma madeira amarela, era muito velha. Um canapé a desfazer-se tinha em frente uma mesa de forma oval. No lado oposto estava uma cômoda e um espelho na parede, entre duas das janelas. Mais umas cadeiras e umas insignificantes gravuras, representando raparigas alemãs com pássaros nas mãos — eis tudo.

A um lado, junto de uma pequena imagem, ardia uma lamparina. Mobília e soalho resplandeciam de asseio. «Anda aqui por força a mão da Isabel», pensou o rapaz. Não se via

um átomo de pó em todo o quarto. «É preciso vir a casa destas viúvas, velhas e rabugentas, para se ver tal limpeza», monologava ele, reparando com curiosidade no cortinado de chita que ocultava a porta que dava para um outro quarto, onde nunca entrara e onde estavam o leito e a cômoda da velha. A casa compunha-se desses dois quartos.

— Que quer, então? — interrogou sem mais preâmbulos a velha, que, depois de ter seguido o visitante, se colocou em frente dele, de pé, para lhe ver bem o rosto.

— Apenas empenhar um objeto.

E tirou do bolso uma corrente de aço e um velho relógio de prata, tendo gravado na tampa um globo.

— Mas ainda não satisfiz a importância que há tempos lhe emprestei! Sabe que o prazo findou anteontem!?

— Venho pagar-lhe os juros deste mês. Tenha paciência. Espere mais uns dias.

— Terei paciência ou venderei o seu penhor, como melhor me aprouver.

— Quanto me dá por este relógio?

— Isto não vale nada, menino. Já da outra vez lhe emprestei «dois papelinhos» sobre o anel, quando podia comprar um novo por um *rublo* e meio.

— Dê-me quatro *rublos* e levanto o outro penhor. Era de meu pai. hei de receber dinheiro brevemente e...

— Um *rublo* e meio, descontando já o juro.

— Um *rublo* e meio!

— É para quem quer!

E a velha estendeu-lhe o relógio. Raskólnikov pegou nele, irritado, e ia retirar-se, quando refletiu que a usurária era o seu único recurso. E, além disso, mais alguma coisa o trouxera ali.

— Vamos, deixe lá ver o dinheiro — disse ele com um modo sacudido.

A velha remexeu a algibeira, procurando as chaves, e passou ao outro quarto. Só, no meio da casa, o estudante pôs-se a escutar, com atenção, entregando-se, ao mesmo tempo, a diversas deduções. Ouviu a usurária abrir o móvel. «Deve ser a gaveta de cima», calculou ele. «Traz as chaves na algibeira direita... todas numa argola de aço... Uma delas, muito maior que as outras e dentada, não é por certo a do móvel. É singular! As chaves dos cofres de ferro têm em geral esse feitio. Mas, afinal, como tudo isto é infame!»

A velha voltou.

— Aqui tem, menino. Se levar uma *grivna* por mês e por *rublo*, de um *rublo* e meio hei de deduzir quinze *kopecks*, porque o juro é pago adiantadamente. Depois, como pede que lhe espere ainda um mês pelo pagamento dos dois *rublos* que lhe emprestei, fica-me devendo por essa transação vinte *kopecks*, o que ascende à totalidade de trinta e cinco. Tem, pois, a receber sobre o seu relógio um *rublo* e quinze *kopecks*. Tome lá...

— Como assim? Então não me dá mais que isto?

— Nada mais tem a receber.

Sem opor a menor objeção, pegou no dinheiro e ficou a olhar para a mesa, sem pressa de se retirar. Parecia querer

dizer ou fazer alguma coisa, mas nem sabia o quê.

— É provável que muito em breve lhe traga um outro objeto..., uma cigarreira de prata, muito bonita... Emprestei-a a um amigo..., quando ele a trouxer...

Pronunciou estas palavras com ar comprometedor.

— Nessa altura falaremos, menino...

— Até depois... Ainda está só? Sua irmã não lhe faz companhia? — perguntou ele, num tom indiferente, na ocasião em que passava para a antecâmara.

— Que tem que ver com a minha irmã?

— Nada... Fiz a pergunta sem intenção. E a senhora... Adeus, Alena!

Raskólnikov retirou-se muito perturbado. Descendo a escada, parou repetidas vezes, bastante comovido. Uma vez na rua, exclamou: «Meu Deus, como tudo isto é medonho. Será possível que eu... Não! É uma loucura, um absurdo! Como pude ter tão horrível lembrança? Seria capaz de semelhante infâmia? Isto é odioso, é ignóbil, repugnante! E, contudo, durante um mês, eu...»

As palavras eram insuficientes para exprimir a agitação que o estava dominando. A sensação de repugnância profunda que o oprimira a princípio, quando se dirigia para a casa da velha, atingia neste momento tão grande intensidade que não sabia como livrar-se de tal suplício. Caminhava como um ébrio, não vendo quem passava, esbarrando-se com toda a gente. Na rua imediata serenou um pouco. Olhando em redor, viu uma taberna. Uma escada que descia do passeio dava ingresso na sub-loja.

Raskólnikov viu sair dali dois bêbados, que se amparavam, dizendo mútuas injúrias.

Hesitou um momento, antes de descer. Nunca tinha entrado numa taberna, mas neste momento a cabeça andava-lhe à roda e sentia uma sede horrível. Apeteceu-lhe cerveja. Depois de abancar a um canto sombrio, pediu-a e bebeu o primeiro copo de um trago.

Experimentou um grande alívio. O espírito esclareceu-se-lhe. «Tudo isto é absurdo», pensou ele, confortado, «e realmente não havia motivo para me assustar. Era apenas um incômodo passageiro! Um copo de cerveja e um pedaço de bolacha e num instante reaverei a minha lucidez e o predomínio da minha energia! Oh! como tudo isto é insignificante!» Apesar desta conclusão desdenhosa, a sua aparência era outra, como se de súbito o tivessem aliviado de um grande peso. Olhava amigavelmente para toda a gente, porém tinha, ao mesmo tempo, uma vaga desconfiança de que fosse transitório este regresso da energia.

Estava pouca gente na taberna. Após os dois ébrios, saíra um grupo de cinco músicos. Reinava nela relativo sossego, pois só haviam ficado três pessoas. Um sujeito, um pouco embriagado, denunciando a sua origem burguesa, estava sentado em frente de uma garrafa de cerveja. Junto dele dormitava, num banco, muito bêbado, um homenzarrão de barba branca, vestindo um comprido sobretudo.

De quando em quando despertava sobressaltado. Espreguiçava-se, dava estalidos com os dedos e entoava uma canção sem nexos, cujo seguimento parecia procurar na baralhada memória:

Durante um ano amimei minha mulher,  
Du...rante um ano a...mi...mei minha mulher.

Ou então:

Na Podiatcheskaïa  
Encontrei a minha amiga...

Ninguém se associava à alegria do melómano. O companheiro escutava silencioso, com ar aborrecido. O terceiro bebedor parecia um antigo funcionário público. Sentado a um canto, levava de quando em quando o copo à boca e lançava os olhos pela sala. Também parecia dominado por uma certa agitação.

## Capítulo 2

Raskólnikov não estava habituado a ver-se no meio de uma multidão e, como já dissemos, havia algum tempo evitava mesmo encontrar-se com qualquer pessoa. Porém agora, de súbito, sentia a necessidade de convivência. Parecia operar-se nele uma transformação; o instinto de sociabilidade readquiria os seus direitos. Votado todo um mês aos sonhos doentios que a solidão produz, o nosso homem estava tão fatigado do seu isolamento que precisava avistar-se, embora só por momentos, com alguém. Assim, por pouco decente que fosse a taberna, ocupou o seu lugar com verdadeiro prazer.

O dono da casa estava num outro compartimento, mas aparecia frequentemente na sala. As botas de canhões encarnados que trazia despertavam a atenção geral. Vestia uma *paddiovka* e por cima um colete de cetim preto constelado de nódoas, o que não era de admirar, pois todo o estabelecimento parecia untado com azeite.

Ao balcão estava sentado um rapaz de catorze anos e um outro, ainda mais novo, servia a clientela. Os pratos expostos consistiam em rodela de pepino, bolacha negra e postas de peixe, exalando tudo um cheiro nauseabundo. O calor era asfixiante e a atmosfera estava tão saturada de

vapores alcoólicos que parecia dever-se ficar embriagado após cinco minutos de permanência na sala.

Sucedem às vezes encontrarmos pessoas desconhecidas por quem nos interessamos logo à primeira vista, antes mesmo de termos trocado com elas uma só palavra. Foi este o efeito que produziu em Raskólnikov o indivíduo que tinha aparência de antigo funcionário. Mais tarde, recordando essa primeira impressão, o mancebo atribuiu-a a um pressentimento. Não desviava os olhos do homem, talvez porque este não cessava também de o observar, parecendo desejar travar conversa com ele. Aos outros fregueses e ao dono da taberna o desconhecido encarava-os com altivez, como criaturas muito inferiores à sua condição social e educação.

Este homem, de mais de cinquenta anos, era de estatura regular e aparência robusta. A cabeça, quase calva, conservava uns raros cabelos já grisalhos. O rosto cheio, de um amarelo esverdeado, denunciava a intemperança. Por entre as pálpebras inchadas brilhavam os pequenos olhos, avermelhados e penetrantes. A característica desta fisionomia era o olhar, onde brilhavam ao mesmo tempo a chama da inteligência e uma expressão de loucura. Vestia um velho e roto fraque preto, com um único botão. O colete, cor de ganga, deixava ver o peito da camisa, amarrotado e enodado. A ausência da barba denunciava o funcionário, porém devia ter-se barbeado há muito, porque uma espessa camada de pelos azulava-lhe o rosto. Nas suas maneiras havia alguma coisa da gravidade burocrática; no entanto,

neste momento, parecia comovido. Passava os dedos pelos raros cabelos e de quando em quando, apoiando-se à mesa viscosa, sem se preocupar com os cotovelos esburacados, encostava a cabeça às mãos. Subitamente, disse em voz alta, voltado para Raskólnikov:

— Não serei indiscreto dirigindo-lhe a palavra? É que, a despeito do seu vestuário, vejo no senhor um homem de educação e não um frequentador assíduo de tabernas. Sempre apreciei a boa educação, aliada aos dotes de coração. Pertença ao *Tchin*. Permita-me que me apresente: Marmeladov, conselheiro titular. É empregado?

— Não senhor, estudo... — respondeu Raskólnikov, surpreendido com aquela polidez de linguagem e um pouco perturbado, ao ver assim um desconhecido dirigir-lhe a palavra sem mais nem menos. Com quanto nesse instante se sentisse disposto a conviver, notou que se apossava dele o mau humor que experimentava sempre que um desconhecido se lhe dirigia para tentar entabular relações.

— Então é ou foi estudante! — continuou o outro. — É mesmo o que eu imaginava! Nunca me engano! A minha longa experiência!

E levou a mão à frente, como a indicar as suas grandes faculdades cerebrais.

— Estuda! Mas com sua licença...

Ergueu-se, engoliu o resto da cerveja e foi sentar-se junto de Raskólnikov. Apesar de já estar embriagado, falava com correção. Quem o visse lançar-se sobre o estudante,

como sobre uma presa, julgaria que também ele havia muito não falava.

— Senhor — recomeçou com ar solene —, a pobreza não é na verdade um vício! Sei também que a embriaguez não é uma virtude, o que é para lastimar! Todavia a indigência, a indigência é um vício. Na pobreza conserva-se ainda um pouco da dignidade natural dos nossos sentimentos; na indigência não se conserva nada. O indigente nem sequer é expulso à pancada da sociedade humana; é à vassourada, o que é muito mais humilhante! E há, sem dúvida, razão nisto, porque o indigente é sempre o primeiro a aviltar-se. Aí está a significação da taberna! Há um mês que o senhor Lébéziatnikov bateu em minha mulher. Ora, tocar na minha Catarina é ferir-me na corda mais sensível! Percebe? Dê-me licença para que lhe faça ainda uma outra pergunta, por simples curiosidade. Já passou alguma noite no Neva, deitado num barco de feno?

— Não, nunca me sucedeu isso. Porquê?

— Pois eu há cinco noites que lá fico.

Encheu um copo que bebeu de um trago e ficou pensativo. De facto viam-se-lhe, no fato e nos cabelos, aqui e acolá, pedaços de feno. Naturalmente havia cinco dias que não se despia nem lavava. Nas grossas e avermelhadas mãos, com unhas orladas de negro, era onde a imundície se tornava mais evidente.

Na taberna toda a gente o escutava, sem ligarem todavia grande importância ao seu arrazoado. Por trás do balcão os moços riam. O patrão entrara na sala, decerto

para ouvir esta criatura estranha. Sentado a certa distância, bocejava com um ar de importância. Marmeladov era, com certeza, muito conhecido na casa, e a sua loquacidade era devida ao hábito de conversar com as pessoas que o acaso lhe deparava. Para alguns bêbados este hábito converte-se numa necessidade, em especial para aqueles que em casa são tratados com rudeza pelas mulheres pouco generosas. A consideração que lhes falta em casa, procuram-na nas tabernas, entre os companheiros de orgia.

— Que grande pândego! — exclamou o taberneiro. — Porque não trabalhas, porque não vais para o serviço, visto que és funcionário?

— Porque não trabalho? — respondeu Marmeladov, dirigindo-se a Raskólnikov, como se fosse deste que tivesse partido a pergunta. — Porque não trabalho? E não será um desgosto para mim o ser inútil? Pensa que não sofri muitíssimo, quando o senhor Lébéziatnikov bateu em minha mulher, enquanto eu, perdido de bêbado, assistia à cena? Perdão, meu amigo, já lhe sucedeu... sim... já lhe aconteceu solicitar sem esperança um empréstimo?

— Conforme o que quiser dizer com as palavras *sem esperança?*

— Quero dizer, sabendo antes que não arranja o que pretende. Suponhamos: o senhor tem a certeza que este homem, este bom e honrado cidadão, não lhe empresta dinheiro pela razão simples... Sim, porque razão lho havia ele de emprestar, se sabe que o senhor lho não paga? Por compaixão? Mas o senhor Lébéziatnikov, apóstolo das ideias

novas, explicou há dias que a compaixão agora é condenada pela ciência, e que é esta a doutrina corrente na Inglaterra, onde a economia política é o que o senhor sabe. Por que razão, repito, lhe havia este homem de emprestar dinheiro? O senhor tem por isso a certeza de que ele lho não empresta, e no entanto dirige-se-lhe...

— Para que se lhe há de dirigir, nesse caso? — interrompeu Raskólnikov.

— Porque é necessário ir a algum lado e porque se precisa de dinheiro. Há certas ocasiões em que nos decidimos, quer queiramos, quer não, a fazer uma tentativa! Quando a minha única filha se matriculou, tive de ir também... porque a minha filha tem o livrinho amarelo — acrescentou ele, olhando desconfiado para Raskólnikov. — Isto é-me por completo indiferente! — apressou-se a declarar, com aparente fleuma, ao passo que por trás do balcão os dois rapazes mal continham o riso e o próprio patrão sorria. — Pouco me importo com as suas piscadelas de olhos, porque toda a gente sabe disso e não há segredo que se não descubra: não é com desprezo, mas com resignação que encaro esta situação. Está bem, está bem! *Ecce homo!* Porém diga-me lá, o senhor pode, ou atreve-se, pondo agora os olhos em mim, a negar que sou um porco?

Raskólnikov não respondeu.

O orador esperou, com um grande ar de serena dignidade, que cessassem as risadas provocadas pelas suas últimas palavras e continuou:

— No entanto, embora seja um porco, ela é uma senhora! Tenho em mim as características do animal. Porém Catarina Ivanovna, minha esposa, é uma criatura de fina educação, filha de um oficial superior. Bem sei que sou um mal-amanhado, mas minha mulher tem um belo coração, sentimentos nobres e educação esmerada. E portanto... Oh, se ela tivesse pena de mim! Senhor, toda a gente precisa encontrar compaixão em alguém! Todavia, Catarina, apesar da sua boa alma, é injusta. E, conquanto compreenda bem, quando ela me arrepela os cabelos, que é pelo meu próprio interesse... sim, não tenho dúvida em o repetir: ela puxa-me pelos cabelos — insistiu com um gesto de altivez, ouvindo novas risadas. — Desejava, meu Deus, e ainda que fosse apenas uma vez, que ela... Mas não, não falemos mais nisso. Nem uma só vez obtive o que desejava, nem uma só vez teve piedade de mim, contudo... o seu gênio é assim, sou mesmo um animal!

— Acredito! — respondeu o taberneiro, bocejando.

Marmeladov deu um murro na mesa.

— Sou assim! Sabe, senhor, até lhe bebi as meias, veja lá! Os sapatos, compreendia-se, mas as meias?! Pois bebi as suas meias! E bebi o seu xaile de lã de cabrito, com que a tinham presenteado; um objeto que já lhe pertencia de solteira, que era propriedade dela, que devia ser sagrado para mim. E vivemos num quarto frigidíssimo, onde ela este inverno apanhou uma horrível constipação e tosse, a ponto de expetorar sangue! Temos três filhos e Catarina trabalha todo o santo dia: faz a barrela e lava os pequenos, porque

desde criança a habituaram ao asseio. Infelizmente é de constituição débil, tem predisposição para a tuberculose e Deus sabe quanto sofro com isso. Oh, sim... sofro muito, e muito! Quanto mais bebo, mais sinto essa amargura. E é para a sentir e sofrer mais que me embebedo... Bebo porque quero sofrer duplamente!

E inclinou a cabeça sobre a mesa, desalentado.

— Meu caro — continuou ele, empertigando-se — parece-me estar lendo tal ou qual desgosto na sua fisionomia. Logo que o vi, tive essa impressão, e foi a razão porque lhe dirigi a palavra. Se lhe conto a minha vida não é pelo prazer de me expor às gargalhadas destes biltres, que, afinal, há muito sabem tudo. Não! É porque necessito da simpatia de um homem bem-educado. Saiba que minha mulher foi educada num colégio aristocrático da província e ao sair de lá dançou de xaile diante do governador e das outras autoridades, tal era o seu contentamento por ter obtido uma medalha de ouro e o diploma. A medalha... vendemo-la há muito tempo... O diploma, conserva-o minha mulher numa caixa e ainda há pouco o mostrava à nossa hospedeira. Apesar de estar a ferro e fogo com essa mulher, ou por isso mesmo, gosta de lhe pôr diante do nariz esse papel, que representa as suas glórias passadas. Não lhe levo isso a mal, porque atualmente o seu único prazer é recordar o bom tempo decorrido. Tudo o mais se sumiu como o fumo! Sim, sim, ela tem uma alma ardente, nobre e acolhedora. Em casa come pão negro, mas não admito que lhe faltem ao respeito. Não tolerou a bestialidade do senhor

Lébéziatnikov, e quando, para se vingar dela lhe ter dado uma boa ensinadela, ele lhe bateu, ficou de cama, sofrendo mais com a injúria feita à sua dignidade do que com as pancadas. Quando casámos era viúva e tinha três filhos. Casara em primeiras núpcias com um oficial de infantaria que a raptara da casa dos pais. Amava muito o marido. Este jogava, teve as suas questões com a justiça e morreu. Nos últimos tempos batia-lhe. Sei que não o tratava muito bem; no entanto a recordação desse primeiro homem ainda lhe mareja os olhos de lágrimas, e não se cansa de estabelecer entre ele e a minha pessoa comparações pouco agradáveis para o meu brio. Porém até gosto. Consola-me a ideia de a ver pensar que já foi feliz algum dia. Depois da morte do marido ficou só com as três crianças, numa região longínqua e selvagem. Foi lá que a encontrei. A sua penúria era tal que eu, já conhecedor de toda a casta de misérias, nem sei de palavras para a descrever. Todos os parentes a tinham abandonado. De resto, o seu orgulho não lhe permitiria recorrer à compaixão dos seus... Então eu, que também era viúvo e também tinha uma filha de catorze anos, ofereci a minha mão a essa desditosa criatura, tanto dó me causou o seu sofrimento. Apesar de instruída, prendada e de uma família honrada, consentiu em casar comigo. Calcule, por isto, como se encontrava. Ouviu o meu oferecimento com lágrimas, soluçando, torcendo as mãos, mas aceitou-o, porque não tinha outro caminho a seguir. Percebe bem a significação destas palavras: «não tinha outro caminho a seguir»? Não! *O senhor não pode perceber*

*estas coisas!* Durante um ano cumpri lealmente a minha palavra, sem pensar sequer nisto — e indicou a garrafa — porque tinha caráter. Nada porém ganhei com isso. Entretanto perdi a minha colocação, sem que tivesse incorrido na menor falta: o meu emprego foi suprimido por questões de ordem administrativa e foi desde então que comecei a beber! Vai em dezoito meses que, depois de muitas sensaborias e de uma vida errante, fixámos residência nesta soberba capital. Aqui consegui empregarme de novo, mas de novo perdi o emprego. Desta vez foi minha a culpa. Foi o meu vício que deu origem a tal desgraça... Agora vivemos num cubículo, em casa de Amália Fédorovna Lippevechzel. Se me perguntar de que vivemos e com que pagamos a renda, não lhe saberei responder. Além de nós, há lá muitos inquilinos. É um verdadeiro cortiço aquela casa... Entretanto a filha que tive da minha primeira mulher ia crescendo. O que sofreu à madrasta não é coisa que se conte. Apesar de ser dotada de belos sentimentos, Catarina é uma criatura irascível, incapaz de conter os arrebatamentos do seu gênio. Mas para que havemos de falar nisso? Também, como deve compreender, Sofia não teve grande instrução. Há quatro anos tentei ensinar-lhe geografia e história universal, porém, como não sou muito forte nas duas matérias, e além disso não possuía bons livros, os estudos não a cansaram muito. Ficamos em Ciro, rei da Pérsia. Depois, quando chegou à adolescência, leu romances. O senhor Lébéziatnikov emprestou-lhe, ainda há pouco, a *Fisiologia*, de Ludwig. Conhece? Sofia achou a obra

muito interessante e leu-nos alguns trechos. Nisso se resume a sua cultura intelectual... Agora, meu caro, diga-me com sinceridade: julga, em face da razão, que é possível a uma pobre rapariga, pobre e honesta, viver apenas do seu trabalho? Se não possuir algum dom especial, ganhará quinze *kopecks* diários, e ainda assim, para atingir essa soma, não pode perder um instante! Que estou dizendo? Sofia fez umas seis camisas de pano da Holanda para o conselheiro Ivanovitch Klopstock (tem ouvido falar?) que não só lhe não pagou o trabalho, mas pô-la na rua com uma tremenda descompostura, a pretexto de que a rapariga não tinha tomado bem a medida dos colarinhos. Ao passo que isto sucedia, os pequenos tinham fome. Catarina passeava no quarto, torcendo com desespero as mãos, com as faces afogueadas pelas rosetas escarlates que anunciam a marcha da terrível enfermidade. «Mandriona», increpava ela a pequena, «não tens pejo de viver nesta casa sem trabalhar? Comes, bebes e tens cama lavada!» O que podia a pobre rapariga comer e beber, se havia três dias que nem as crianças viam uma côdea de pão! Por mim estava então doente, de cama... isto é, estava com uma grande bebedeira. Ouvi a Sofia responder a medo, com a sua linda vozita (ela é loura e o rosto muito pálido parece o de uma santa): «Mas, Catarina, posso lá cometer tal infâmia?» Devo dizer que já por três vezes uma tal Daria Frantzovna, criatura abominável, muito conhecida da polícia, lhe fizera propostas por intermédio da nossa senhoria. «Pois então!», replicou enfurecida e irónica a Catarina, «um tesouro desses

deve-se guardar como uma pedra preciosa!» Não a acuse, senhor, não a acuse! Ela não media o alcance das suas palavras. Estava apoquentada, doente, via as crianças esfomeadas, chorando, e o que dizia era mais para irritar a Sofia do que para a arrastar à depravação... Catarina Ivanovna é assim: se ouve chorar os filhos, bate-lhes, ainda mesmo que eles chorem com fome. Já tinham dado cinco horas quando vi a Sofia pôr a capa e sair. Às sete horas voltou, foi direita a Catarina e, sem dizer uma única palavra, colocou trinta moedas de *rublo* sobre a mesa, diante de minha esposa. Depois pegou num grande lenço verde, que serve a toda a família, embrulhou com ele a cabeça e deitou-se na cama, voltada para a parede, tremendo muito... Eu continuava na mesma. De repente vi Catarina, sem fazer o menor ruído, ajoelhar-se junto da camita da Sofia e ali passou toda a noite, prosternada, beijando os pés da minha filha. Assim adormeceram nos braços uma da outra... ambas... ambas... sim, e eu no mesmo estado, isto é, perdido de bêbado!

Marmeladov calou-se, como se a voz se lhe tivesse estancado. Encheu bruscamente o copo, bebeu-o de um trago e continuou, após curto silêncio:

— Desde esse dia, senhor, em consequência de uma malfadada circunstância, e por uma vilíssima denúncia de criaturas infames, pois Daria Frantzovna tomara parte ativa e principal nesse negócio e queria vingar-se de uma suposta falta de consideração, desde esse dia a minha filha ficou inscrita no registo policial, vendo-se obrigada a abandonar-

nos. A nossa hospedeira, Amália Federovna, mostrou-se inflexível a esse respeito, esquecendo-se que ela própria favorecera em tempo as intrigas de Daria. O senhor Lébéziatnikov afinou pelo mesmo diapasão... Foi por causa da Sofia que Catarina teve com ele a questão de que lhe falei. A princípio era muito assíduo junto da Sofia; mas de um dia para o outro, o seu orgulho revoltou-se. «É lá possível que um homem da minha condição», disse ele, «possa viver na mesma casa com tal criatura?» Catarina tomou o partido de Sofia, o que deu em resultado acabar tudo em bordoadas... Agora a nossa filha vem ver-nos, regra geral ao fim da tarde, e ajuda quanto pode Catarina. A pobrezinha está hospedada em casa de Kapernaoumov, um alfaiate coxo e gago. Tem família numerosa e todos os filhos gaguejam como ele. A mulher tem também qualquer coisa na língua... Vivem todos no mesmo quarto, porém a Sofia ocupa um compartimento especial, separado por um tabique da parte que eles habitam... Hum! gente paupérrima e todos gagos... sim! Uma manhã levantei-me, vesti os meus farrapos, ergui as mãos ao céu e fui procurar Sua Excelência, Ivan Afanasievitch. Conhece Sua Excelência? Não? Pois então não conhece um santo. Aquilo é um círio a alumiar a face do Senhor! A minha triste história, que Sua Excelência se dignou escutar com o maior interesse, comoveu-o até às lágrimas. «Vamos, Marmeladov», disse-me ele, «apesar de já uma vez faltares ao que tinhas prometido, consinto em tomar-te sob a minha proteção.» Foram as suas palavras. «Vê se te lembras disto